

UMA “PROFISSÃO DE FÉ”: A LITERATURA COMO LEGITIMAÇÃO SOCIAL NA OBRA DE OLAVO BILAC

JEEAN KARLOS SOUZA GOMES¹; ALFEU SPAREMBERGER²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – jeeankarlos@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@outlook.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação, pensada no âmbito da disciplina de Poesia em língua portuguesa do século XIX, oferecida pelo Curso de Letras da UFPel, objetiva analisar a profissionalização dos escritores brasileiros às portas do século vinte, nomeadamente na obra e demais atividades do escritor parnasiano Olavo Bilac. É necessário assinalar que, escrever bem, no Brasil, nem sempre foi sinônimo de prestígio social. A profissão de escritor não garantia notoriedade. Entre os motivos, estão aqueles apontados por (BUTONI 2000, p. 58):

Até o século XVIII, inexistia o conceito de público como uma categoria de pensar relações sociais. As obras literárias tinham circulação restrita (e não nos esqueçamos de que no Brasil era pior: até o final daquele século, o livro foi um objeto quase que proibido, só existindo em bibliotecas e mosteiros e de colégios), a música e o teatro destinavam-se para o consumo privilegiado dos círculos aristocráticos e eclesiásticos.

Seguindo essa ideia, é interessante retomar o conceito de “literatura como sistema”, formulado por Antonio Cândido, integrado por autor, obra e público. O último componente da tríade desempenha papel de grande importância pois, segundo o autor, sem um público a obra não sobrevive, fato que implica a circulação de livros e de obras literárias. Escrever, então, no século XVIII e no século seguinte, não era sinônimo de autossuficiência. Logo, os escritores da época tinham que se sujeitar à outras atividades e, assim, garantir a sua sobrevivência. Em alguns casos, ocupavam cargos em jornais, mas sem notoriedade.

Profissões de grande prestígio social estavam ligadas ao comércio e à política (FISCHER, 2003), deixando os escritores numa escala social inferior. Este trabalho, considerando os aspectos expostos, aborda a imagem do escritor no século XIX e as principais mudanças sociais que, de algum modo, alavancaram a mudança de status dos escritores, tirando-os do limiar social. Um autor brasileiro soube, pela capacidade técnica e pela percepção das mudanças sociais, tirar proveito do momento histórico, e seu nome era Olavo Bilac. Muitas crônicas de Bilac e também seus depoimentos comemoram o sucesso do jornalista e escritor já em 1907, antes, portanto, de ser aclamado o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, em 1913.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, e de fundamento sociológico, com o intuito de analisar a imagem do escritor brasileiro na segunda metade do século XIX. Considera, para tanto, como perspectiva histórica, os fundamentos de um sistema literário que, finalmente, no entrelaçamento com outras produções culturais, como o jornalismo, chegava a um momento de consolidação e de funcionamento estruturado. Nesta perspectiva, as pesquisas sociológicas e históricas consideram o momento em que o escritor não só alcança prestígio social, mas também autonomia financeira, uma em decorrência da outra. A atividade jornalística de Olavo Bilac era o caminho possível para quem não era capaz de seguir regularmente uma profissão imperial, como era o caso de Medicina, Engenharia ou Direito. Neste sentido, o jornalismo era o caminho possível, com um postulante com habilidade para as palavras, mas sem diploma. Bilac deu ao jornalismo um prestígio até então desconhecido e dele tirou toda a sua fama, como bem assinalou: “Antes de nós, Alencar, Machado e todos os que traziam a literatura para o jornalismo eram apenas tolerados: só o comércio e a política tinham consideração e virtude”, reconheceu Bilac (COSTA, 2005, p. 49).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como as mudanças de status do autor foram ocorridas, principalmente, no movimento literário do Parnasianismo, torna-se necessário a contextualização do surgimento deste movimento.

No final do século XIX havia três movimentos literários de grande força: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. Ainda naquele século, a ciência efervescia o mundo com as suas teorias no campo da biologia e da sociologia, propagadas por seus principais estudiosos: Darwin, Spencer, Taine e Comte. O último foi responsável pela corrente filosófica positivista e que já na década de 70 do século XIX tomava conta do campo científico, como escreve Coutinho:

Foram enormes e profundas as repressões desse clima espiritual nas ciências sociais. Para a geração que entrava na maioria inlectual em 1870, o positivismo de Augusto Comte, que vinha dos anos de 30 a 40, oferecia singular atração, sintônico que era com o espírito da época. Repelindo qualquer explicação última, qualquer finalismo teológico ou metafísico e concentrado sobre o fatalismo científico, exaltou a ciência social ou sociologia, como a rainha das ciências, dando-lhe como método e princípios os mesmos que caracterizam as ciências físicas (1995, p. 182).

O Parnasianismo nasceu nesse contexto de explosão de ideias científicas. Logo, fazia parte da sua temática a objetividade, amor carnal, a impassibilidade¹ e, desse modo, qualquer produção parnasiana deveria carregar o rigor científico, destoando da subjetividade do Romantismo. Entretanto “Talvez o que haja de melhor nos parnasianos seja o seu Romantismo” (CANDIDO apud FISCHER, 2003, p. 221). O décimo segundo soneto, “A Morte”, do livro “As Viagens”, de Olavo Bilac, possui um tema comum ao Romantismo:

1

Benjamin Abdala Junior defende que o Parnasianismo não conseguiu atingir a impassibilidade, pois, segundo o autor, “Para o registro objetivo da realidade, o poeta não poderia ser subjetivo, evidenciando seus sentimentos. Ele deveria limitar-se a descrever situações ‘neutramente’ sem se envolver com ela.” (p.5)

Oh! a jornada negra! A alma se despedaça...
Tremem as mãos... O olhar, molhado e ansioso, espia,
E vê fugir, fugir a ribanceira fria,
Por onde a procissão dos dias mortos passa.

Pobre! por que, a sofrer, a leste e a oeste, ao norte
E ao sul, desperdiçaste a força de tua alma?
Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte!

O soneto traz o tema da morte, recorrente na poesia do Romantismo, a aproximação da morte e o conforto com que o eu lírico encontra nela. Apesar disso, Bilac tinha consciência sobre a retórica (TEIXEIRA, 2002, p. 18). Isso lhe permitia adicionar efeito a sua obra através da retórica sem contar, somente, com o sentimento. Segundo (TEIXEIRA, 2002, p. 18), “o domínio da técnica deve sobrepor-se ao mito do saber espontâneo, posto em moda pelo Romantismo e radicalmente combatido por Olavo Bilac e por seus companheiros de geração”. As estrofes dos soneto “A Um Artista” sintetizam o ideal do escritor para Bilac:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Para o autor, o escritor tinha que se debruçar perante a sua obra, ou seja, teria que se esforçar até alcançar a beleza produzida pela elocução. O resultado, contudo, tinha que estar oculto, assim como os passos da composição da obra.

O momento era favorecido para Bilac, o próprio autor tinha noção da mudança que estava ocorrendo, em suas palavras:

Que fizemos nós? Fizemos isto: transformamos o que antes era um passatempo, um divertimento, naquilo que hoje é uma profissão, um culto, um sacerdócio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçamos as portas dos jornais e vencemos a inépcia e o medo dos editores; e como, abandonando a tolice das gerações anteriores, tomamos o lugar que nos era devido no seio da sociedade [...] (BILAC apud COSTA, 2005, p.47).

Apesar do engajamento do princípio do poetas, dois acontecimentos foram essenciais para o autor: a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, e a remodelação da cidade do Rio, promovida pelo prefeito Pereira Passos, cuja gestão iniciou em 1903” (FISCHER, 2003, p.48). O Rio de Janeiro passou a ser o

polo da cultura letrada. Foi neste, agora então centro dos letrados, onde Bilac contribuiu para a garantia dos direitos autorais dos escritores. Ao primeiro momento, de certo, por meio de uma forma tímida, pois era apenas nos jornais que se achava espaço para a literatura, como aponta Costa: “Assim como para boa parte dos integrantes do meio intelectual de então, era o jornal e não o livro que pagava as contas do escritor no fim do mês” (2005, p.48).

4. CONCLUSÕES

Bilac contribuiu, com a sua técnica, para a mudança na escala social dos escritores, soube aproveitar a conjuntura do país para tornar a Literatura um negócio e, assim, profissionalizar a arte de escrever.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

COSTA, C. **Pena de aluguel: Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FISCHER, L. A. **Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Capítulo de livro

ABDALA, B. J. Luz realista, forma parnasiana, estética decadentista. In: **Antologia de poesia brasileira – realismo e parnasianismo.** São Paulo: Ática, 1985. p. 5-11.

BUITONI, D. H. S. Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura. In: MARTINS, M. H. (Org.) **Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente.** São Paulo: Editora SENAC, 2000. Cap. 4, p.55-72.

Documentos eletrônicos

TEIXEIRA, Ivan. **O passo em falso do artifício.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 05 mai. 2002. Acessado em 18 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0505200214.htm>